Gal. RODRIGO OCTÁVIO JORDÃO RAMOS

A AMAZÔNIA

Uma estratégia para sua preservação

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
JOÃO PESSOA – 1971

Gal. RODRIGO OCTÁVIO JORDÃO RAMOS

A AMAZÔNIA

— UMA ESTRATÉGIA PARA SUA PRESERVAÇÃO

CONFERÊNCIA PROFERIDA EM JOÃO PESSOA, NO DIA 12 DE ABRIL DE 1971

O SEBO CULTURAL
R. 13
IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
JOÃO PESSOA - 1971

"A SEGURANÇA E O DESENVOLVIMENTO, BEM COMO A MATÉRIA E A ENERGIA, SÃO APENAS DUAS FACES DA MESMA MOEDA."

1 — PALAVRAS INICIAIS

Honrado pelo vosso Magnífico Reitor e o digno Cmt. do 1.º Gpt Eng. para nesta casa proferir uma palestra sôbre a Amazônia — como venho em verdadeira cruzada cívica e nacionalista fazendo em todos os centros culturais, civis e militares do país — aquiesci prontamente em fazê-lo, certo de que contribuição modesta poderia trazer à motivação, hoje em vossas mentes, amanhã em vossas atividades, de um dos problemas de maior relevância para o Brasil atual e futuro — quer no tocante à sua integridade territorial, quer no que se refere ao incondicionamento de sua soberania, fortalecida pela efetiva integração nacional —, como se constituem as nossas áreas-problema, em particular a AMAZÔNIA.

Na verdade, o tema a apresentar é de atualidade flagrante e desponta, cada dia, nos órgãos de difusão e formadores de opinião, porque o novo regime, ao contrário de Governos anteriores, corajosamente e de maneira intemerata, face à complexidade da *problemática amazônica*, houve por bem equacioná-la em têrmos de realidade, enfrentando-a inicialmente através do fortalecimento da segurança militar e, em seguida, pela execução do denominado PLANO DE INTEGRAÇÃO NACIONAL, de forma a, por meio de ações estratégicas em todos os campos do Poder, consagrar, na área geográfica considerada, objetivos senão políticos, pelo menos estratégicos, que permitirão, em um Mundo controverso e em constante mutação de valôres éticos, culturais e morais — fruto da arrancada científica e tecnológica ainda infinda — vivendo

coexistência polarizada e competitiva, ocupar e preservar aquelas terras, pedaços do Brasil, conquistadas e mantidas pela bravura, abnegação e estoicismo de nossos lendários antepassados.

A nossa *Exposição* será, como a sua titularidade define, antes uma comunicação de realidades vividas ou meditadas no que concerne à preservação da Amazônia, do que uma conferência em estilo formal, com requintes de linguagem e racionalização de lógica. Entrelaçando a *Política e a Estratégia*, precisando, no tempo de sua consecução, objetivos políticos como atividades-fim, e objetivos estratégicos como atividades-meio, seremos conduzidos, forçosamente, às questões de *desenvolvimento* e *segurança*, considerados os impactos trazidos pela Ciência e Tecnologia ao domínio do ambiente geográfico, em seu devassamento ou superação das limitações de antagonismos florestais, visando à implantação da infra-estrutura de energia e de circulação básicas e a exploração de seu potencial sócio-econômico. Ao mesmo tempo, indicações serão apontadas para, complementando a valorização do Poder Regional, assegurar o fortalecimento do potencial estratégico-militar, capaz de impedir, ou pelo menos de obstacularizar no tempo, qualquer restrição à nossa plena soberania sôbre o espaço amazônico de nossa determinação histórica, hoje, na verdade, apenas expressão de domínio político.

Seguiremos assim o sumário apresentado, em que, situada a *posição da Amazônia* perante o Mundo e o Brasil, com tôdas as implicações políticas e estratégicas decorrentes, procuraremos fixar as suas potencialidades e vulnerabilidades conjunturais, a fim de esboçar uma Estratégia — fundamentada nos objetivos nacionais permanentes, de motivação política — capaz de, por meio de ações possíveis, nos campos econômico, social, político e militar, dar à Amazônia, a curto prazo, condições de Poder, acrescendo assim o Poder Nacional, de forma que as imposições do grupo brasileiro, decorrentes de suas aspirações e interêsses vitais no espaço integral de sua determinação — bem-estar e segurança —, jamais sejam ameaçadas por pressões de qualquer natureza ou origem. É a única *estratégia de ação* a ser implementada para que não sejamos mais um exemplo toynbeano na História das Civilizações em suas

origens, declínio e desintegração, desenvolvidas sempre em tôrno de lutas permanentes contra o meio físico e de antagonismos entre grupos nacionais, visando à concretização do interêsse supremo dominador, da coletividade sempre mais afortunada em sua expressão de Poder.

2 — A AMAZÔNIA E O MUNDO:

> "Não pode haver erro maior, para uma nação, do que esperar ou contar com favores de outra".
> (George Washington)

> "Numa sociedade que se está modernizando, segurança significa Desenvolvimento. Segurança não é material militar, embora êste possa ser incluído; não é fôrça militar, embora deva ser considerada; não é atividade militar tradicional, embora possa envolvê-la". (Mac Namara — A Essência da Segurança).

2.1 — Através dos tempos e de forma episódica, a Amazônia tem sido objeto da preocupação do Govêrno Federal, visando a reafirmar a soberania nacional.

A situação excêntrica de seu território, sua posição lindeira com sete países sul-americanos, motivando litígios dirimidos por fôrça de entendimentos bilaterais ou laudos de arbitragem, o grande vazio demográfico em que se constitui, as suas riquezas potenciais, exploradas em pequena escala, à base do extrativismo, o isolamento de seus núcleos populacionais mais significativos, a servidão da rêde fluvial, têm concorrido para que a denominada AMAZÔNIA LEGAL, e em particular a Região Norte, se tenha tornado uma das áreas-problema de maior sensibilidade na conjuntura nacional e internacional. *Daí a preocupação*, em todos os tempos, o

mais claramente dos Governos posteriores a 1964, visando a equacionar as dificuldades emergentes, dentro de Programas de Integração, a fim de firmar bases racionais para a *reformulação da política de desenvolvimento e de segurança* no quadro regional, de maneira a orientar uma ação específica e continuada, capaz de retirar a Amazônia de sua estagnação secular, preservando-a, ao mesmo tempo, de pressões incidentes de qualquer natureza, geradas nos antagonismos reais ou potenciais contra sua soberania política e integridade territorial.

2.2 — Ao volver o pensamento para êste mundo em que vivemos, não podemos deixar de parar, perplexos, atônitos, sentindo que somos testemunhas, ou melhor, participantes de uma época de transformações profundas, fazendo pressupor acontecimentos consideráveis, cuja repetição na lentidão da História se assinala não por séculos, mas por milênios.

Na verdade, com o advento da *civilização tecnetrônica* — prelúdio da *sociedade de automação* — "moldada não mais pela tecnologia convencional, que "tudo pode", mas pela ciência universal, que "tudo sabe", e para a qual nos encaminhamos inexoràvelmente — (através da pesquisa operacional, da análise dos sistemas, dos sensores remotos, equacionando problemas da associação homem-máquina, visando à obtenção de soluções que melhor sirvam à organização como um todo, considerados os custos operacionais e riscos das diversas alternativas) — com a mesma fatalidade que os rios convergem para o mar", desenvolve-se, sob nossos olhos, um dos mais formidáveis capítulos da História, desde a queda de Roma, que marcou, então, a proeminência das civilizações orientais. Estamos, na verdade, em uma época onde o pensamento se hiperboliza em uma afirmação objetiva de que *nada mais é impossível, apenas não foi realizado.* Paradoxalmente, a socieda-

de criada pelo homem, para sua felicidade, parece ter-se transformado em um *fim* e não um *meio*, violando o preceito explícito na 'Mater et Magistra' de que "a Sociedade existe para o homem e não o homem para a sociedade", trazendo, pela má distribuição dos bens econômicos, uma desigualdade social incompatível com os princípios perenes da lei natural e divina.

Nesse contexto, até mesmo um dos fenômenos sociais mais espetaculares em todos os tempos, *a guerra*, toma nova forma — quer substituindo o velho conceito de Clausewitz de que "a guerra é a continuação da política por outros meios", em face dos julgamentos de Nuremberg, considerando-a como crime internacional cometido pelo agressor, quer buscando, na preparação e na aplicação de uma estratégia desconcertante, a paz-guerra dos dias de hoje, em sua limitação de fôrça e extensão — a superação do impasse megatômico, enigma apocalíptico cuja indeterminação na capacidade de sobrevivência humana os contendores potenciais temem equacionar e resolver.

Daí, na *estratégia do terror*, o confronto inacabado entre a tecnologia científica, em sua expressão nuclear cada vez mais desenvolvida pelo seu iniciador, mas contida em seus efeitos, e a *tecnologia psicológica* que os Soviets têm aprimorado como arma essencial tirada de sua Revolução, em constante expansão, pela ação do instrumento sutil, mas de eficiência comprovada — a Guerra Revolucionária —, buscando, pelo domínio da mente, conquistar o Poder Político e, em seguida, o Poder Econômico e Social dos Estados ocidentais, utilizando-se desde o processo democrático tradicional da representatividade até mesmo a escalada do terrorismo, principalmente na América Latina, e do anti-colonialismo na África e na Ásia.

E o homem — extasiado — contempla as maravilhas do Universo, esquecido de que *êle* próprio é a maior das maravilhas. Agente e paciente dos fenômenos sociais, continua a ser o alienado de sempre, batido por ideologias e estruturas políticas, econômicas e filosóficas diferentes, rotuladas de capitalismo, socialismo, neo-capitalismo, neo-socialismo ou socialização, capitalização estatizante, etc.

Na verdade, ao criar nos temas da atualidade a nova denominação de *"era-tecnetrônica"*, o professor Brzcinski conclui — ao fazer um balanço das transformações da sociedade moderna — afirmando que o mundo está ficando maduro para uma convulsão vivificadora de maior repercussão que a Revolução Francesa ou Bolchevista.

Diz êle:

> "As grandes revoluções da Idade Moderna, inspiradas em Rousseau ou Marx, apenas arranharam a superfície da condição humana. Rousseau propôs a liberdade da formiga. Marx queria a ordenação do formigueiro. Mas, ambos, simplesmente recomendaram o deslocamento ou a redistribuição das fontes de Poder, de cima para baixo ou de baixo para cima. Mas ambos não afetaram a essência individual".

É nessa perspectiva difusa e incerta, onde a progressão das transformações tecnológicas se fazem em escala exponencial e as sociais em progressão geométrica, os tradicionais valôres morais e os princípios éticos de comportamento social encontram a mais viva contestação, que a nossa e as gerações sucessivas terão de viver, lutando na busca de um caminho iluminado pela harmonia social

— e que não seja dificultado pelo liberalismo, em sua forma pragmática integral como respeito único à lei democrática, ou obstruído pela socialização, como expressão de igualização forçada pela ação do Estado — e tendo como alvo permanente a preservação ou consecução dos ONP, dentre os quais se primaciam os da *integração nacional, integridade territorial e soberania nacional.* É nêsse quadro complexo e indeciso que deveremos tornar *atuais* as *potencialidades* de um país excepcional como o nosso, a fim de encontrar e desenvolver condições de vivência adequadas, plenas de dignificação humana, para a primeira centena de milhões que será contemporânea da geração moça de hoje, ora penetrando na área da responsabilidade e do dever e a quem caberá a grave missão de enfrentar todos os antagonismos, quer num confronto interno de natureza político-social-econômica, quer numa conjuntura internacional perigosa e imprevisível, marcada pela permanente possibilidade de um holocausto termo-nuclear.

É dentro dessa realidade, a que não podemos nos furtar, que pressões outras se intensificarão, derivadas dos excedentes demográficos, gerando uma nova concepção de que acima das fronteiras nacionais pairam os "interêsses da humanidade". Tese paradoxal de um mundo que se prepara aceleradamente para um dissídio destruidor dessa mesma humanidade, ela tem encontrado, em todos os tempos, adeptos e propagandistas tenazes, no *aproveitamento dos espaços vazios,* extravasando uma conotação imperialista, *mais do que um sentimento de solidariedade humana,* antes da translação para os espaços siderais, possível talvez nos dias de amanhã, mas limitado pelas técnicas atuais que exigiriam um custo equivalente aos orçamentos militares de tôdas as Nações, apenas para colocar dez homens na lua por dia, "condicionada

ainda a sua vivência à parafernália das vestimentas espaciais, fábricas de ar sintético, abóbadas de pressão, fazendas hidropônicas totalmente fechadas".

E a América do Sul, e *possìvelmente a sua Amazônia*, pelas suas potencialidades, tem sido justamente a região visada para tal desideratum. Realmente, mais se agrava, como vimos, essa preocupação com o futuro próximo, com a multiplicação demográfica mundial em busca de novos espaços para sua sobrevivência — seus 3,5 bilhões serão 7 bilhões ao dobrar do século —, dada a impossibilidade dessas massas em suas terras de origem não disporem de meios capazes de proporcionar-lhes o quadro básico alimentar, seja pela inexistência de terras para sua localização, seja ainda pela insuficiência de sua tecnologia primária. Por isso mesmo, eminentes figuras da atualidade — como um Lippman, Walter Preston, Chandrassekhar, Roy Nach, Massaioshy Yoshinaga e outros — vêm extravasando a sua preocupação pela ocupação e desenvolvimento da Amazônia, a fim de minorar aquelas carências.

É a repetição, em nossa época, com outros meios e sob motivos diversos, da pertinácia colonialista com que holandeses, ingleses, franceses e mesmo americanos buscaram tenazmente, visando seja ao desembocar sôbre a Grande Bacia, ou a sua permanência em pontos conquistados ao longo da calha fluvial, ou nas Guianas e ainda forcejando pela livre navegação antecipada do Rio-Mar, para facilitar seus propósitos dirigidos e pensados.

Querer ignorar êste fato, da existência de pressões exteriores, hoje também agravadas pelo despertar intenso e natural dos condôminos da Bacia, como teremos ocasião de aprofundar ao apresentar os antagonismos atuais em relação às nossas

lindes, é contestar realidades positivas, ameaças potenciais, já quase atuais.

Em pleno Século XVII, no início de sua 2.ª metade, por fôrça dêsse devassamento heróico, já havíamos, de fato, definido, pelas bandeiras de Pedro Teixeira e Raposo Tavares, para só citar os grandes, a periferia lindeira que hoje conforma o Brasil, modificada apenas, posteriormente, pela conquista das Missões do Sul e os acêrtos raianos feitos com os demais países sul-americanos, por fôrça de expansões futuras de pequenas amplitudes. Nada mais desejamos, em têrmos de espaço geográfico, senão respeitar as lindes convencionadas e livremente aceitas.

Em 1750, na verdade, Alexandre de Gusmão, como corolário à ação bandeirante, haveria de, pela aceitação do "uti possidetis", consagrar a posse do Brasil atual no tratado de Madrid, confirmada, em 1777, a incorporação das Missões em troca da Colônia de Sacramento, quando do tratado de Santo Ildefonso e, posteriormente, a incorporação do Acre.

Segundo ainda diversas fontes estrangeiras das mais autorizadas, principalmente de pesquisas científicas dos Estados Unidos, as florestas densas da Região Amazônica e os seus grandes rios *se constituem na maior reserva de elementos naturais necessários à vida, inclusive à formação da atmosfera que envolve o Globo Terrestre.* De tal maneira que, se por qualquer circunstância essas reservas fôssem substancialmente reduzidas, estaria comprometida a existência de oxigênio, o elemento vital da vida na terra. Assim, na Amazônia está concentrada a maior reserva florestal e de rios do mundo, reunindo elementos vitais para a continuidade da vida no planeta. Estimam-se que essas florestas e rios representam mais de 30% de tôda a reserva mundial. Nessas condições, não há a me-

nor dúvida de que a Amazônia, ou melhor, seus rios e suas florestas, devam ser preservadas. Mas, de qualquer modo, não se deve esquecer que mais de uma vez interêsses estrangeiros referiram-se à "internacionalização da Amazônia", e por motivos menores que os de preservação da vida no planeta.

Finalmente, por fôrça ou não da ficção científica, pesquisando planos factíveis para enfrentar a hecatombe atômica na estratégia do terror, o certo é que a Amazônia, com a exploração dos espaços siderais, passou a constituir preocupação dos futurólogos em suas especulações geopolíticas e demográficas, sentida ou estudada a viabilidade dos projetos gigantescos esboçados para seu aproveitamento. Da polêmica e controvérsia originadas sôbre o chamado LAGO AMAZÔNICO, uma convicção parece ter-se firmado: *a importância da Amazônia para o Mundo do Futuro* é uma realidade, e daí ou nos apressamos a aceitar o desafio dando-lhe a resposta devida, pela ocupação efetiva, ou estaremos ameaçados de perdê-la em um conflito bélico, sem que tenhamos fôrça capaz de enfrentá-lo com sucesso. Não é mais possível, como se vinha fazendo, transferir às gerações vindouras a *grande tarefa,* e por isso mesmo a consciência nacional, hoje despertada e alertada, tem de equacioná-la, pois a sua grande complexidade não nos liberta da responsabilidade de solucioná-la, procurando assim não desmerecer aquela raça de gigantes que a conquistaram e a mantiveram em sua ação destemerosa, para ser eternamente brasileira.

Êste, com suas conotações no *"Mundo que conta"*, o MUNDO AMAZÔNICO, com suas vulnerabilidades e antagonismos potenciais que os nossos maiores legaram ao Brasil, sem que as gerações andantes, em sua eterna transferência do problema da sua conquista efetiva, social e econômica, fizes-

sem com que o ainda apenas espaço político pudesse, de fato, ser integrado ao todo nacional.

3 — A AMAZÔNIA E O BRASIL

Sentimos todos que a preocupação da incorporação da Amazônia não é de hoje e sim de todos os tempos.

A *maturidade* de uma Nação não se exterioriza apenas pela estruturação de uma economia fundamentada na *produção em massa,* satisfazendo amplamente ao consumo interno e atendendo à exportação em quantidades apreciáveis, pela difusão do bem-estar adequado nas suas zonas desenvolvidas, ou pela *consolidação política* estribada na existência de uma Democracia Real, como base de um Estado de Direito, alicerçado na garantia dos direitos individuais e na representatividade, no respeito que lhe devota o Mundo externo, seja pelo potencial militar e econômico, seja pela elevação de sua cultura política e social. Realmente, uma Nação só pode se sentir *perfeitamente amadurecida* quando, através da distribuição equitativa do bem comum, compreendido êste como conjunto de condições sociais que permitam e favoreçam nos homens o desenvolvimento integral da personalidade, na concepção de João XXIII — se integra social, política e economicamente, de forma que seus espaços geográficos não constituam apenas expressão de domínio político e as suas populações, embora rarefeitas e dispersas, não sofram um desnivelamento no usufruto daquele bem. Além disso, todos os espaços devem estar intimamente ligados ao seu Núcleo Central por um sistema de transportes e comunicações — que permitam realizar o intercâmbio em tôdas as suas modalidades — traduzindo uma circulação real, vivificando tôda base física, além de garantir uma segurança estratégica adequada a seus espaços lindeiros, interiores ou litorâneos.

Será que, no que se refere ao *Nordeste* e em particular à *Amazônia,* o Brasil já alcançou a sua maturidade plena? Evidentemente não. O baixo padrão de vida nordestino, o sub-emprêgo, a miséria latente ou visível, a repetição agravada ciclicamente do fenômeno das sêcas e inundações, sob ação de fa-

tôres físicos adversos, possíveis de superação ou pelo menos limitação de seus efeitos em proporções adequadas com as técnicas hodiernas, devem constituir preocupação básica do país. Também o vazio humano no deserto verde, a escravização dos poucos estirados ao longo das calhas fluviais, as carências alimentares, a insuficiência educacional e os baixos padrões sanitários, conseqüência de endemias reinantes, o isolamento florestal motivado pela falta de circulação, fazem da Amazônia outra área brasileira imatura, desintegrada, dissociada do cenário nacional, à espera ansiosa pelo esplendente alvorecer de um amanhã fecundo e diferente.

O que temos, na verdade, são 3 Brasis diferenciados demográfica, social e geograficamente, em extensão e suas áreas (Considerações). É o que mostram os principais índices sócio-econômicos. (Incluir a relação do PIB, Renda, Energia, Escolaridade, Saúde, População, Superfície, tendo como parâmetro a Região Desenvolvida).

O dimensionamento social, econômico e político evidencia, assim, o quanto se diferenciam as regiões infra e subdesenvolvidas do Brasil Centro, Sul e Leste, com seu progresso acelerado e sua cultura atlântica tão diversa da cultura mista, caipira e primitiva do interior nordestino e mais ainda da selva amazônica. Não se tem conta, na verdade, da gravidade da situação em evolução para o Brasil, pela pobreza e desintegração dessas áreas.

Já se disse com muita propriedade:

> "A pobreza não é simples conceito, mera ausência de riqueza. É um complexo de condições debilitantes, cada uma reforçando a outra, num laço capaz de estrangular cada vez mais o ser humano. O analfabetismo, a doença, a fome e a desesperança são características que por seu próprio impulso lançam as aspirações numa espiral descendente. Pobreza gera pobreza, passa de uma geração para ou-

tra, num ciclo cruel de quase inevitabilidade.

Perdura até que auxílio exterior, cuidadosamente planejado, intervenha e torne a orientar radicalmente sua dinâmica interna".

É preciso pensarmos em têrmos de Brasil, colocando a Amazônia e NE como uma das metas básicas, pela sua essencialidade e prioridade, da Política Nacional, considerada esta como arte do estadista, se quisermos, em futuro não muito distante, atingir, de fato, a maturidade nacional.

É preciso realmente pensarmos em têrmos de Brasil, considerando a Amazônia como um interêsse nacional que se apresenta com caráter imperativo e que se relaciona com as próprias condições existenciais da comunidade nacional, de tal maneira que, se não ela fôr devidamente atendida, poderá sofrer um processo de involução, e não de maturação político-social, e mesmo de amputação e desintegração, o que representa uma das formas pela qual se liquida, historicamente, a soberania de um grupo nacional, que assim fenece e desaparece como uma unidade ativa e de significação no consenso internacional.

Na verdade, da consecução de nossos objetivos nacionais, cristalizados como conseqüência de nossas aspirações e interêsses na nossa independência política, no regime democrático, republicano e federativo, na franquia dos grupamentos interiores, com base na autonomia local, no fortalecimento da estrutura sócio-econômica, pela exploração de nossas possibilidades próprias, complementadas pelos afluxos financeiros, técnicos e demográficos internacionais, sem que tal cooperação importe em qualquer auto-limitação ideológica ou política, no fortalecimento do prestígio internacional, em têrmos de igualdade jurídica com as demais nações, gozando dos mesmos direitos e oportunidades, *dependerão,* em larga escala, a integração moral, política e psico-social da Nação, em tôdas as suas formas (idioma, raça, eliminação dos desníveis sociais e econômicos, circulação intensa), mediante perfeita comunhão de

interêsses entre os grupos regionais e sua participação consciente no esfôrço comum destinado a preservar e valorizar os atributos que caracterizam a nossa personalidade cultural e o espírito de brasilidade. Só assim de fato consagraremos, a médio prazo, o objetivo da Revolução, tão bem expresso nas Metas e Bases do terceiro Govêrno Militar, onde se afirma: "A Revolução veio para dotar o País das estruturas política, administrativa, jurídica, social e econômica capazes de construir no Brasil a sociedade desenvolvida, democrática e soberana, assegurando, assim, a sua viabilidade como grande potência".

Tal a reafirmação explícita do compromisso constitucional da normalidade democrática, no encontro leal e duradouro entre as fontes reais e formais do Poder, condicionado apenas às circunstâncias conjunturais e à conveniência do "Momentum" renovador, ressalvada a preservação obrigada dos destinos da nacionalidade brasileira, que não busca alternativa fora da sua tradição histórica, vocação democrática e formação cristã.

Só assim, na verdade, conseguiremos a convergência de todos os esforços positivos de nossa geração e de tôdas as gerações sucessivas — integradas em todos os seus grupos, estamentos sociais e segmentos regionais — na grande obra reconstrutora da criação de sociedade aberta, ora em plena realização em todos os campos do Poder Nacional, através da institucionalização política, educação cívica, cultural e profissional, do desenvolvimento econômico, da eliminação dos compassos regionais e da mais justa distribuição da riqueza, para que todos os brasileiros possam usufruir, pelo seu esfôrço construtivo e comportamento ético, as benesses da maturação nacional, em sua realidade incontrastável.

A — A REALIDADE AMAZÔNICA

A apreciação da problemática da Amazônia para equacionamento estratégico não pode fugir à consideração dos seguintes fatôres:

— Geográficos e geopolíticos

— Sócio-econômicos
— Político-Estratégico

Pela impossibilidade, em face da disponibilidade de tempo, de apresentarmos em tôda sua extensão a análise procedida, quando do estudo da situação para fundamentar as bases da Reestruturação do Dispositivo Militar da Amazônia, limitaremos nossa dissertação a alguns pontos principais dêsses aspectos, complementando-os com as *sínteses características da Área* do ponto de vista *geopolítico* do *infra desenvolvimento regional* e da *sensibilidade estratégica.*

4.1 — *ASPECTOS GEOGRÁFICOS E GEOPOLÍTICOS*

Analisando o espaço (fisiografia, extensão, solo, clima) e posição (situação geográfica, faixa lindeira, distâncias interiores e exteriores dos Centros de Poder), os recursos naturais, a ecumenização, a circulação (circulação interior e exterior e comunicações), chegamos à seguinte *caracterização da Área* do ponto de vista geopolítico:

a — Pela sua excentricidade em relação ao todo nacional, a Área Amazônica pode ser considerada a única região que escapa ao papel vinculador do Planalto Brasileiro, seja pela direção da calha amazônica, seja pela mata pujante isoladora, resistindo sempre às comunicações efetivas pelos divisores mal rebaixados de seus afluentes da margem direita. Por isso mesmo se torna a Hiléia tributária do caudal amazônico e nitidamente dependente das ligações marítimas, em sua maior parte, ainda que dois grandes segmentos rodoviários de CUIABÁ a PÔRTO VELHO e de BRASÍLIA a BELÉM já se afirmem como linhas de circulação aglutinadora, por via terrestre, aos Centros de Poder do Sul.

b — A água é o elemento de maior importância no clima da Amazônia; água de chuvas pesadas e de alto poder lixivioso. Esta água da chuva é um fator tão importante que o inverno nesta área é a estação das chuvas e verão é

a estação sêca. Na planície amazônica a várzea ocupa uma área aproximada de 64.400 Km2, isto é, 1,5% da superfície regional.

c — MANAUS, ocupando posição central e dominando todo o hemiciclo da AMAZÔNIA OCIDENTAL, representa um polo dinâmico de segurança e de desenvolvimento, ao tempo em que a embocadura do Amazonas, dominando o litoral marítimo entre o MARANHÃO e a CARAIBAS, constituiu-se na chave de segurança interior da BACIA, de alto interêsse nacional e internacional.

d — As distâncias entre os Centros de Poder Central, a dispersão dos pontos sensíveis e as suas distâncias do Núcleo Central constituem negatividade acentuada no que se refere à Segurança.

e — A disparidade sócio-econômica entre as duas Amazônias é ainda um forte fator negativo na coesão e integração regional.

f — A expressão geopolítica da Amazônia impõe, a médio prazo, a *ocupação efetiva* de sua Área territorial e a existência de *circulação adequada*, visando:

1 — à interligação sócio-econômica regional;

2 — à preservação das fronteiras internacionais;

3 — à vitalização dos nódulos fronteiriços;

4 — ao transbordamento de nossa dinâmica cultural-político-econômica sôbre as áreas vizinhas estrangeiras;

5 — à incorporação efetiva de seu complexo territorial inclusive ao todo nacional, através do desenvolvimento sócio-econômico e de sua segurança estratégica.

4.2 — ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

Levantados os índices econômicos (renda, produção, energia elétrica, agropecuária, industrial, extrativa, mineral, comércio exterior e interior) e os índices sociais (incremento demográfico, saúde, mortalidade, distribuição de população, instrução), estudados os planos de desenvolvimento e a políti-

ca de ocupação e povoamento da Região Amazônica, chegou-se à seguinte *caracterização da área,* do ponto de vista sócio-econômico:

a — Baixa renda per capita — 56,9% da renda per capita nacional e contribuição com apenas 2% do produto nacional bruto;

b — Produção de energia elétrica correspondente a 1,05% da produção do restante do Brasil;

c — Agricultura inexpressiva (o valor da produção agrícola de tôda a região Norte foi de 11,1% da do Brasil em 1966);

d — Pequeno rebanho bovino e suíno (2,0 e 2,03% do rebanho nacional, respectivamente);

e — Indústria incipiente, predominantemente de bens de consumo;

f — Indústria extrativa mineral embora reduzida a dois produtos principais, manganês (AMAPÁ) e cassiterita (RONDÔNIA) e, secundariamente ouro, diamantes, salgema, calcáreos; tem alta expressão na conjuntura econômica nacional;

g — Densidade demográfica assustadoramente baixa — 0,88% habitantes por quilômetro quadrado — tipicamente o chamado *vazio demográfico;*

h — Desequilíbrio sócio-econômico com tendência a agravar-se, consequente da alta taxa média de crescimento populacional, superior de uma vez e meia à do resto do Brasil;

i — Baixo nível de educação e falta de ensino técnico-profissional (dimencionar);

j — Apresenta uma reserva imensa de possibilidades econômicas, objetivadas na água, na floresta, no solo (latossolo) e sub-solo, ferro, manganês, calcáreo, bauxita, cassiterita, diamantes, salgemas, ouro, petróleo, como esplêndidas realidades, algumas já com exploração industrial cheia de sucessos.

l — As *terras firmes* — quaternária, antiga e terciária formam áreas nunca invadidas pelas águas, mesmo nas cheias excepcionais, são de fertilidade média ou baixa, com predominância de latossolos, embora com algumas

camadas *concrecionárias* e completam o quadro dessas terras juntamente com os sedimentos paleozóicos, que se acumulam no imenso siclinal de depressão dos planaltos guianenses e brasileiros. Manchas de campos naturais existem em Boa Vista, Marajó, Baixo Amazonas, etc. propícias à criação de gado.

4.3 — ASPECTOS POLÍTICO-ESTRATÉGICOS

Da análise da *funcionalidade política* (exercício do Poder Político, dinâmica partidária e representatividade) e das *implicações estratégicas* (situação lindeira, Áreas sensíveis, vivificação das fronteiras vizinhas — Estrada Marginal da Selva, desnacionalização, vazio demográfico, cobiça internacional, limitação da circulação interior, potencial subversivo, propaganda de Cuba e URSS, situação da Guiana — ações na Bolívia, Colômbia, Peru e Venezuela, situação dos garimpos e seringais, agitação política), chegou-se à seguinte *caracterização da área do ponto de vista político-estratégico:*

a — A AMAZÔNIA, se constituindo em um terceiro Brasil, representa o seu abandono ameaça permanente à nossa integridade e à própria autonomia política regional, seja pela sua estagnação, despovoamento e carência de valor econômico, seja pela incapacidade notória da maioria de seus homens de govêrno, no passado;

b — A AMAZÔNIA ainda não saiu da época do isolamento interior e exterior, onde o apadrinhamento político em proveito partidário, a corrupção e o espírito de aventureirismo constituiu-se norma, gerando tradicionalmente formas de opressão do ser humano, por vêzes de verdadeiro caciquismo, deixando por isso mesmo de cristalizar-se, no conceito dos dirigentes estaduais e de seus órgãos representativos, uma compreensão mais exata dos problemas e de suas responsabilidades legais dentro da perspectiva nacional e regional. Visando à realização de uma política de segurança e de desenvolvimento de caráter permanen-

te, afinada com as disponibilidades de investimentos federais e estaduais, obedecidas sempre as prioridades que de fato traduzam o maior interêsse público, dentro da idéia de integração regional e nacional, a ação governamental posterior a 1964 vem perseguindo uma linha de ação positiva e de realismo inconteste, buscando superar o quadro sócio-político e econômico defrontado até então.

c — A amplitude da ação política das Fôrças Armadas projeta-se, hoje mais do que nunca, no cenário controvertido e complexo em que vivem dispersos os seus fracos efetivos, em uma área que abrange 42% do território nacional. Constituem elas, em muitos casos, o único instrumento de civilização e de apoio ao amazônida, amenizando as difíceis condições de isolamento e de sobrevivência que lhe são impostas pela agressividade, vastidão e compartimentação do meio físico em que habita. Daí resulta a importância de que se reveste a ação militar não só no aspecto de segurança como, também, na participação do fortalecimento do Poder Regional, através da execução dos empreendimentos bivalentes no setor de povoamento, colonização, assistência social, formação de fôrça de trabalho, educação e na implantação da infra-estrutura de transportes e comunicações e exploração dos respectivos sistemas.

d — Embora Tratados de Limites tenham solucionado a posse discutida de regiões lindeiras contestadas, permanece um irredentismo potencial ao longo da linha fronteiriça, ainda anecumenizada em quase tôda sua extensão, com a possibilidade de eventuais conflitos sucessivos, entre as Nações Vizinhas, entre si, e mais remotamente com o Brasil, em ações reivindicatórias de pretensões julgadas superadas por acôrdos ou consensos derivados de arbitragem, em sua maior parte.

e — A construção acelerada da *Estrada Marginal da Selva* com penetrantes dirigidas para as fronteiras brasileiras — desde SANTA CRUZ DE LA SIERRA, através de RI-

BERALTA, PUERTO HEATH, PUCALPA, IQUITOS, MITU, até PUERTO CARRENO, além das rodovias de CARACAS até SANTA HELENA, GEORGETOWN e CAIENA, S. JORGE e onde se projeta realizar uma ativa colonização, irá vitalizar áreas mortas ou neutras, capazes de exercer, pela menor distância de seus Centros de Poder, *ponderável atração* sôbre os núcleos brasileiros, podendo acarretar uma desnacionalização acentuada dos mesmos, sem embargo da canalização que irá permitir, por via terrestre, exportação dos produtos nacionais para os países vizinhos.

Também o reatamento das relações da Colômbia e Venezuela com Cuba, a intensa promoção feita no Peru e Bolívia — constituem séria ameaça, para expansão do mecanismo do terror, desorganização econômica, alimentando agitações subversivas através dêsse extremismo de exportação. A situação atual também do Chile não pode deixar de nos preocupar, devido a seus reflexos políticos, sobretudo na Bolívia.

f — As grandes áreas anecumênicas, criando um vasto vazio demográfico, agravado pela potencialidade de recursos da Amazônia, ainda não qualificados, têm dado motivo a pressões exógenas ainda em estado potencial, exercidas pela *cobiça internacional*, encarando a Amazônia como solução ao problema de superpovoamento dos países subdesenvolvidos da Ásia e da África, como abrigo aos efeitos irradiantes da estratégia megatômica ou fonte de reserva de matérias-primas críticas ou essenciais.

g — A ineficiência do Sistema de Circulação na área torna difícil a execução de Ações Militares, sobretudo nas regiões ACRE-RONDÔNIA, UAUPÉS, CUCUI, IAUARETE, BOA VISTA, MARCO BV-8, NORMÂNDIA, CLEVELÂNDIA, pela dificuldade de utilização das vias de superfície em tempo estival ou, ainda, pelo perigo oferecido à navegação e ausência de rodovias e precariedade de campos de pouso.

4.4 — CARACTERIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE ESTRATÉGICA

Por tudo o que acabamos de dizer, a AMAZÔNIA se caracteriza como área estratégica das mais sensíveis no panorama nacional, face ao seu potencial atlântico e ao domínio do grande rio, na guarda, proteção e manutenção do tráfego marítimo, aéreo e fluvial, aos irredentismos lindeiros, encerrando conflitos potenciais, a par do baixo nível de vida, pobreza, dispersão social, cobertura vegetal dificultando a circulação e o aproveitamento espacial acelerado, falta de convicção democrática, servidão do homem, inconseqüência político-partidária, como um campo propício ao clima insurrecional de forma ideológica ou não. Ressalte-se ainda a sua vastidão espacial com ótimas condições de habitalidade e as riquezas potenciais, que a tornam prêsa da cobiça internacional.

Sua posição excêntrica em relação aos Centros de Poder Nacional dificulta o seu atendimento operacional, tanto mais necessário quanto as suas áreas de sensibilidade, pela sua configuração geográfica de continuidade lindeira com sete países sul-americanos, apresentam-se como da mais alta importância estratégica no contexto nacional.

É de se esperar que o seu espaço sócio-econômico se amplie a médio prazo, por fôrça de Planos de Desenvolvimento racionais e objetivos, cada vez mais dinamizados, acrescendo o poder regional, do mesmo modo que os núcleos fronteiriços, cada vez mais fortalecidos, possam contrapor-se, com vantagens, ao centrifugismo e à desnacionalização, aceleradamente provocada por fôrça das ações transandinas desencadeadas com intensidade, visando à colonização da AMAZÔNIA HISPANO-AMERICANA e mesmo sob a ação de uma radicalização extremista, tentar a penetração comunista em nossas áreas raianas.

Nesse particular é de ressaltar a preocupação natural de nossos vizinhos de que não se reproduzam os fatos históricos de incorporação do ACRE, ao lado do irredentismo notado entre as soluções arbitrais que dirimiram os litígios das fronteiras peruano-colombiana e venezuelano-guianense, das quais LE-

TÍCIA e o território a Oeste de ESSEQUIBO, respectivamente, se constituem como os polos de fricção de maior periculosidade.

Também a projeção estratégica internacional assume papel relevante, ressaltando-se 4 aspectos fundamentais:

— Utilização por países limítrofes da bacia hidrográfica em busca dos feixes principais de navegação do Atlântico;
— Posição geográfica favorável a uma atuação sôbre o Canal do Panamá;
— Posição de BELÉM em relação ao CARIBE e de BOA VISTA em relação a CUBA;
— Internacionalização e colocação de desajustados.

Do expôsto pode-se concluir que, pela sua excentricidade, afastamento dos Centros de Poder Nacional, incipiente circulação de superfície, ainda como na época do descobrimento, comandada e limitada pelas calhas fluviais, agravada notoriamente a sua criticidade pela grande extensão territorial, despovoamento, pobreza, estado de servidão mantido pela exploração extrativa, carência de alimentação, deixando as populações dispersas e rarefeitas em verdadeiro estado de indigência e de desesperança, a sua sensibilidade é das mais acentuadas na geoestratégia brasileira. Alvo da cobiça internacional latente, terra de desalento, desértica, com nódulos demográficos rarefeitos, populações com baixos padrões de vida, riquezas naturais desconhecidas, apresenta, sem dúvida, a Amazônia, um cenário complexo e convidativo não só às investidas alienígenas com as ações subversivas de caráter ideológico, com graves reflexos na integridade e na unidade nacional.

Impõem-se, assim, urgentes medidas de caráter permanente, visando não só à vitalização da área fronteiriça e de regiões interioranas de maior significação, como ainda à implantação de uma infra-estrutura capaz de alicerçar, efetivamente, o desenvolvimento regional a longo prazo. Medida prioritária e básica para a área se constitui, sem dúvida, o revigoramento de sua armadura de segurança, capacitando o Poder Militar existente, com novos meios, melhor articulado

e suprido, a cumprir efetivamente as suas missões estratégicas e cooperar decisivamente no fortalecimento do potencial regional.

5 — UMA ESTRATÉGIA NACIONAL PARA A AMAZÔNIA

A idéia de integração dos espaços regionais, com suas conotações política, social e econômica, é velha no tempo, embora sempre perseguida com mais simbolismo do que objetividade. Já no passado, nos tempos coloniais e imperiais, visando à expansão política, ela foi programada como "Política de Estado", sem preferências locais ou regionais, visando à conquista de determinada área política. É obra de alto sentido político, demandando *uma verdadeira estratégia nacional* destinada a superar os antagonismos e contradições existentes. Precisa constituir uma mística sem messianismos, fundamentada em uma ideologia nacional, exteriorizada por uma forma de conscientização em que se procura a participação de tôdas as áreas do Estado e das organizações privadas. É obra de brasileiro para brasileiro, orientada por uma *Política Nacional*, com normas definidas, dotada de estratégia peculiar de ação, impetuosa, plena de audácia e eivada do mais acendrado sentimento de brasilidade. Na verdade, "Política" é fixação de rumos, de objetivos, de linhas de ação. "Estratégia" é AÇÃO, comandada e orientada por princípios imutáveis e condicionada, em sua eficácia, pelo progresso tecnológico, através do qual se arrasta na aplicação de seus instrumentos próprios.

Na verdade, a *Estratégia Nacional* que buscamos definir em relação à AMAZÔNIA, como conseqüência da Política de Integração fixada pelo Presidente da República, consistirá na arte de preparar e aplicar os meios do Poder Nacional, de forma que os objetivos fixados para a região (ecumenização e preservação) sejam realmente alcançados, não obstante os fatôres adversos defrontados. Conservando em sua essência as suas normas básicas de raciocínio e os seus princípios de aplicação, deve relacionar-se (como preconiza sabiamente o Gen. Beaufre) a três eixos coordenados — tempo, lugar e valor das fôrças materiais e morais e das fôrças antagônicas que positi-

vam cada situação instantânea. Integrados por um fator complexo — *a manobra* — resultante da dialética das fôrças em presença, determinará a seqüência e a relação das situações sucessivas, tornando possível a existência das condições adequadas para a consecução dos objetivos que visam, no caso, à recuperação e proteção da área, tendo em vista quer o seu desenvolvimento sócio-econômico, quer a sua segurança interna ou externa. Dependerá, como sempre, da liberdade de ação, garantida pela manobra interior — recursos —: técnica e disponibilidades financeiras e equipamentos, além de vontade firme conduzindo a impulsão realizadora.

Deverá essa estratégia, em suas linhas básicas, perseguir com obstinação a implantação na Região de um planejamento racional e progressivo, indo desde a *desconcentração do Poder Regional,* no campo político, até a *interiorização demográfica,* fomento agropecuário, organização da exploração industrial e florestal, assistência social no que se refere às condições educacionais e sanitárias, saneamento básico, pesquisas intensivas em todos os campos, para conhecimento real das potencialidades regionais, além da existência real de uma infra-estrutura de circulação — interior e exterior — e de energia eficientes. Só assim o deserto verde será vencido e as suas populações nômades e dispersas ainda linearmente, aferradas a usos predatórios da terra, em sua cultura primitiva ou primária, poderão emergir de sua vida sub-humana, sofrendo os impactos mórbidos do isolamento florestal, sempre escravizada ao rio — razão de ser de sua existência. Seria impossível, de fato, implantar qualquer plano de desenvolvimento da Grande Bacia sedimentar e de seus contrafortes sem aglutinar de forma racional e produtiva os seus fatôres mais representativos — o homem em sua agressividade corajosa que não recua diante da inclemência do seu habitat, intimamente jungido ao *rio,* gigante, portentoso na sua utilização plurivalente de caminho, fonte de alimentação, de tristeza, de alegria e até de túmulo e a *floresta,* fator de sua riqueza e quase sempre de sua desdita.

A Concepção Estratégica decorrente, fixada para a área — como idéia diretriz das ações a realizar — considerados os

objetivos a atingir e os antagonismos a superar, vai nos permitir, no campo da segurança e do fortalecimento do potencial estratégico regional, definir objetivos atuais de consecução a curto prazo, de forma que a Amazônia, como área-problema, tenha seu equacionamento devido e possa assim se integrar efetivamente ao todo nacional, fortalecida social, econômica, política e militarmente. Só assim será preservada e mantida como terra brasileira.

Nesse quadro, como instrumento decisivo de ação, ressalte-se a importância da Ciência e da Tecnologia na definição e objetivação de Projetos e Atividades e, conseqüentemente, do técnico na busca incessante de otimização de alternativas de menor custo ou maximização de eficiência, no limite das possibilidades financeiras ou técnicas oferecidas, através da aplicação, senão sistemática, pelo menos oportuna e viável da pesquisa operacional, da análise de sistemas e uma perspectiva mais ampla dos sensores remotos obedecidos ao lema imperativo de Estratégia Moderna: "é melhor estar aproximadamente certo do que exatamente errado".

É preciso não esquecer ainda que Grandes Nações se constroem em Grandes Espaços, capazes de abrigar grandes populações em bem-estar e segurança. É preciso que não deformemos, em nossa luta para integração, a pureza do nacionalismo em seu conteúdo patriótico, pragmático, fortalecendo o poder de coesão interna, aproveitando ao máximo as nossas potencialidades, sem desprezar a contribuição da gente, técnica e capitais estrangeiros, desde que enquadrados dentro do limite imposto pelo interêsse nacional, pois esta é, sem dúvida, a única forma de integrarmos os nossos vastos espaços vazios, de superarmos o subdesenvolvimento com racionalidade, explorando intensamente os nossos recursos naturais, dinamizando a nossa circulação, preservando ainda as condições existenciais de nosso grupo nacional, através da conquista e manutenção de seus imperativos vitais — autodeterminação com soberania incondicionada, franquia de grupamentos internos e garantias individuais, integração (não só territorial, como política, eco-

nômica e psico-social), prosperidade com bem-estar, eqüidade social e prestígio internacional.

Uma consciência nacional que não mais aceita a permanência dos atuais desníveis regionais oferece à nossa geração a oportunidade que não podemos perder: a de enquadrar efetivamente o NE e a Amazônia na vida econômica e social do País. As enormes dificuldades que se antepõem à execução de tal objetivo constituem o maior desafio à argúcia, à audácia e, porque não dizer, ao patriotismo dos brasileiros de hoje.

"Essa oportunidade, se a perdermos, não mais voltará; daqui a meio século, talvez seja tarde. O desafio não pode ser rejeitado e será a nossa afirmação nacional. A Amazônia bem poderá ser a nossa esfinge: ou a decifrarmos ou ela nos devora", já afirmou eminente brasileiro.

Dentro dessa linha de ação, as seguintes *ações estratégicas principais* se recomendariam nos diversos campos do Poder Nacional:

1 — POLÍTICO — Educação política de maneira a favorecer uma representatividade político-partidária consciente, capaz de defender realmente, dentro da federação, os interêsses regionais;

— convergência e coordenação das metas desenvolvimentistas através da ação política federal, estadual e municipal;

— *redivisão político-administrativa,* através da criação de novos territórios, destituídos de qualquer atividade político-partidária e limitados apenas a atividades administrativas em coordenação com as guarnições militares;

— *criação do Ministério da Amazônia,* destinado a, com estrutura técnico-administrativa própria, coordenar, integrar, orientar e fiscalizar a aplicação dos recursos federais ou de outra natureza na realização dos empreendimentos de desenvolvimento. Só assim seriam aceleradas as metas e, como órgão de cúpula do Govêrno Federal, promoveria a coordenação de tôda estratégia através da revitalização dos órgãos federais, de forma a torná-los dinâmicos e eficientes em suas atividades.

2 — PSICO-SOCIAL — É indiscutível que ao amazônida caberá, como agente principal de execução, a grande obra de civilização da Amazônia, através de sua integração psico-social. Nessa integração surgem, como ações predominantes:

2.1 — *A Educação e saúde* — em todos os seus ciclos, de forma que alfabetizado, esclarecido e preparado para o trabalho ou para o ensino técnico-científico ou técnico-industrial, possa cooperar de fato com o "Know-how" assimilado na grande tarefa a sua espera. Disseminação do ensino primário e ginasial, inclusive dos ginásios para o trabalho, preparação de artífices nos pontos lindeiros e do universitário nos centros principais — Manaus e Belém — capaz de permitir a transformação das condições de saneamento e higidez no atendimento à população interiorana, firmando o domínio da técnica sôbre a natureza agressiva e hostil. A convivência harmônica entre tribos e raças, felizmente, é uma realidade, impondo-se, no entanto, superar as condições de sub-emprêgo, principalmente para a população indígena no interior, hoje emigrando para os países lindeiros, a fim de sobreviver, mesmo algumas vêzes escravizada.

Os Institutos Científicos de Pesquisas que têm contribuído para o desenvolvimento da cultura e conhecimento regional devem ser estimulados, amparados e impulsionados e, evidentemente, equipados. Dentre êles destacam-se:

— O Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, sediado em Manaus, com a finalidade precípua do estudo do conjunto do meio físico e social da Amazônia para uma solução integrada e excluída sempre qualquer conotação política que possa restringir a nossa integral soberania;
— O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia —

criado nos têrmos da Lei n.º 1.301/59 e subordinado ao CNP, destinado às pesquisas científicas, em particular às relacionadas com a saúde das populações amazônicas;

— O Museu Emílio Goeldi — com sede em Belém — subordinado ao CNP. É uma instituição científica tradicional e sua organização técnica visa a atividades de pesquisas e divulgação no campo da Antropologia, Geologia, Museologia, Zoologia e Botânica.

— Instituto de Pesquisas e Estudos Agro-pecuários do Norte (IPEAN) — criado com a finalidade de realizar pesquisas de interêsse agrícola para o desenvolvimento econômico da região;

— Instituto Evandro Chagas — destinado ao estudo específico da Patologia tropical;

— Universidades de Belém e de Manaus, que devem ser dinamizadas e dotadas de Corpo Docente capaz e dedicado;

— UPA — destinada a coordenar a ação educacional e operacional na execução de um planejamento integrado na Área.

2.2 — *Saneamento Básico* — instalação de água, com tratamento e esgôto em tôdas as cidades com mais de 10.000 habitantes (existem 161 municípios, com apenas 52 com água e 20 com esgôtos);

2.3 — Completamento da Rêde Hospitalar de maneira que, através de hospitais regionais, municipais e especializados, sobretudo em moléstias tropicais, sejam devidamente atendidas as populações interioranas (existem 75 hospitais com 7.760 leitos, dos quais 3/4 nas Capitais de Manaus e Belém);

— campanhas organizadas sistematicamente contra: Ancilostomose, Bouba, Lepra, Tuberculose, Malária, Tracoma e Bócio, nas principais regiões endêmicas.

2.4 — *Trabalho e Previdência Social* — Formação de

Fôrça de Trabalho, através de recursos comerciais, agrícolas (2), industriais (12);

— Organização Sindical de Garimpeiros e Seringueiros;

— Política Trabalhista — pelo cumprimento do Estatuto da Terra (Lei 4.504/64), incentivando a Reforma Agrária e promoção da política agrícola. Elevação do salário mínimo.

2.5 — *Assistência Social* — Multiplicação e equipamento dos postos do SESP; amparo das obras das:

— Missões religiosas;

— Fôrças Armadas;

— LBA.

2.6 — Intensificação da imigração, sobretudo japonesa, destinada a cooperar no povoamento e recuperação econômica da Amazônia.

3 — ECONÔMICA — A Amazônia — que representa o BRASIL INFRA-DESENVOLVIDO, está a exigir, como dissemos, sem mais delongas, a ocupação de seu território com contingentes de fora e a execução de obras de infra-estrutura nos setores de energia, educação, saneamento, comunicações e transportes, de modo a facilitar a produção, a circulação das riquezas dentro da área e dela para os outros pontos do país.

Nêsse particular cumpre ressaltar a transcendental importância da POLÍTICA DO GOVÊRNO FEDERAL DE OCUPAÇÃO E POVOAMENTO DA AMAZÔNIA definida através dos *Decretos n.º 63.104, de 15 de agôsto de 1968 e n.º 63.419, de 14 de outubro* do mesmo ano, do Presidente Costa e Silva, e seu digno e patriótico Ministro do Interior, General Affonso Augusto de Albuquerque Lima. O artigo 4.º do primeiro dêsses decretos estabelece que "Os Ministérios Militares deverão criar e instalar unidades da Aeronáutica, do Exército e da Marinha nas Áreas Prioritárias e Zonas de Fronteira, com as designações efetivas consideradas convenientes e segundo os seus planos próprios".

O diagnóstico do subdesenvolvimento econômico da Amazônia mostra que as ações destinadas à organização da produção, à formação de trabalho especializado e à densificação da circulação devem ter prioridade em relação a qualquer outra atividade. De outro lado, devem estas atividades evoluir de forma harmônica e integrada com os demais campos, de forma que a meta visada, isto é, o desenvolvimento auto-sustentado regional, seja realmente alcançada.

Identificados os obstáculos ou antagonismos mais graves ao desenvolvimento econômico-regional e que podem se situar na rarefação demográfica e extensão desmesurada da Área física, desconhecimento do potencial efetivo de recursos naturais, escassez de recursos humanos para ocupação das fronteiras econômicas e geográficas, ausência de mentalidade industrial e agropecuária em tôda a região, fase ainda semi-artesanata com alguns enclaves de alto porte, sobretudo no setor de mineração, falta de coordenação dos órgãos públicos e insuficiência de espírito empresarial privado, torna-se indispensável a *fixação de uma orientação para as linhas de ação estratégica* a realizar, sob pena de distorção e mesmo perda de esforços e capital, visando a um crescimento econômico coordenado e equilibrado.

Nessa ordem de idéias, com muita propriedade foi fixada, num planejamento regional em execução — embora carente e retardado por falta de recursos — a seguinte orientação básica:

— concentração de recursos multiplicadores em áreas selecionadas, quer pela posição geográfica, permitindo irradiação mais efetiva, quer pelas condições locais, favorecendo em seu conjunto o efeito desenvolvimentista procurado;
— fixação de núcleos demográficos na linha periférica e em regiões interioranas de concentração de recursos, isto é, nos denominados *polos de irradiação;*
— proceder à revolução tecnológica na agricultura e no plantio das culturas;

— elevação da produtividade do fator humano, através da dinamização da política de educação, saúde, saneamento, legislação, organização de trabalho;
— fortalecimento da infra-estrutura de energia, transportes e comunicações;
— fluxo permanente de recursos federais, ao lado do setor privado, estimulado por facilidades adequadas; de fontes externas, sem alternância em seu valor monetário ou na política creditícia estabelecida;
— encaminhamento dos recursos em função de prioridades firmadas, sem regionalismos dissociadores e justo equilíbrio nos setores primário, secundário e terciário;
— concentração da ação governamental nas tarefas de planejamento, pesquisas de recursos naturais, implantação e expansão da infra-estrutura, destinada à iniciativa privada, devidamente estimulada, às atividades industriais, agrícolas, pecuárias, comerciais e serviços básicos rentáveis;
— definição de espaços econômicos suscetíveis de desenvolvimento, com a fixação de polos capazes de induzir crescimento nas áreas vazias (gota de óleo), procurando assim evitar a pulverização de recursos na vastidão da área. Ao longo das vias de transportes entre 2 polos, estendem-se as faixas de desenvolvimento onde se situarão polos intermediários, com sub-faixas irradiantes, ocupando assim, gradativamente, os vazios demográficos e cristalizando-se os polos em centros urbanos e as faixas em zonas rurais de cultura.

Dentro dessa *orientação estratégica,* as seguintes ações são desde logo recomendadas:

NO SETOR DE PRODUÇÃO

— Realização dos projetos básicos de levantamento da área — mapeamento geográfico e determinação dos recursos naturais:
Projeto Sere — Levantamento cartográfico, recursos minerais, vegetais, conhecimento do solo, etc.

Projeto Radam — Pesquisa Mineral.

— Criação da Universidade que coordenará as pesquisas com os planos de desenvolvimento da Amazônia.

— Fixação física de *Polos* e de *Áreas prioritárias*, consoante estabeleceu o Plano Regional da Sudam, para o período de 67/71;

— Organização de *grandes complexos industriais*, dotados de técnicas novas e de maior rendimento, erradicando uma forma de economia destritiva, explorando primàriamente a *floresta*. Tornar obrigatório e tanto quanto possível homogeneizar as novas espécies para uso das gerações futuras;

— Nas zonas de *criação* adequadas e já em exploração — Marajó, Baixo Amazonas, Vale do Rio Branco, Campos de Puciari, no Madeira, Paragominas e vizinhança, Carreiros, nas proximidades de Manaus, Amapá, Norte de Goiás, Mato Grosso e outras, intensificar e melhorar os plantios, passando tão logo que possível à *industrialização* para consumo interno e exportação;

— Tornar a exportação da *juta, castanha, borracha* e outros produtos silvestres racional e não predatória, de maneira a, com baixos custos, obter alto rendimento;

— Realizar *projetos* de alto cunho industrial, para exploração dos *recursos minerais* identificados — salgema de Nova Olinda e do Baixo Amazonas, ferro da Serra dos Carajós e do Jatapu, calcáreo de Manaus, bauxita do Nhamunda, ouro e diamantes de Roraima e Itaituba, cassiterita de Rondônia e do Aripunã, além do manganês em plena exploração de alta rentabilidade no Amapá pela ICOMI e da continuidade de pesquisa do petróleo na foz do Amazonas, cobre e carvão do Xingu;

— Intensificação dos trabalhos que vêm sendo realizados pelo Departamento Nacional de Pesquisas Minerais, visando a localizar recursos minerais de cassiterita, magnesita, manganês, sulfatos, ouro, cobre, chumbo, ferro, diamante, cristais de rocha, pegmatitas, argila, com a execução do PROJETO RADAM;

— Desenvolver, orientadamente e em dimensões adequadas, o parque industrial regional, aproveitando as matérias-primas abundantes do reino vegetal, animal e mineral, inclusive a produção de açúcar e de minério de ferro em instalações siderúrgicas.

NO SETOR DE ENERGIA

— concluir os projetos prioritários iniciados — Amapá (60.000 Kw), Curuá, Una (40.000), Manaus, Usina a vapor (66.000), Rio da Casca e Fôrça e Luz do Pará, termo-elétrica de Manaus (80.000 Kw), em um total de 246.000 Kw;
— utilização, após estudos adequados, dos potenciais combinados dos Rios Xingu, Tocantins, Araguaia e do Madeira, isoladamente;
— intensificação da instalação de usina hidroelétrica e termo-elétrica de pequena potência — entre 1.000 e 20.000 Kw — destinada às cidades interioranas do Acre (7), Amazonas (22), Pará (47), Roraima (2) e Rondônia (2);
— adequar o nível de oferta de Santarém, Belém, Macapá, Pôrto Velho e Rio Branco.

NO SETOR DE CIRCULAÇÃO

No que se refere às vias de transporte:

a) — Conclusão das grandes longitudinais
BELÉM — BRASÍLIA (pavimentação)
CUIABÁ — PÔRTO VELHO — MANAUS — BOA VISTA — MARCO BV-8, de repercussão internacional, com ligação para Bonfim e Normândia.
TAUMATURGO, CRUZEIRO DO SUL, B. CONSTANTE;
SANTARÉM — CUIABÁ.
MACAPÁ — CALÇOENE — CLEVELÂNDIA, com planos de colonização associados.

b) — Conclusão das transversais ESTREITO — MARABÁ, ITAITUBA, PÔRTO VELHO — LÁBREA — RIO BRANCO — CRUZEIRO DO SUL — BOQUEIRÃO DA ESPERANÇA;

c) — Terminais ribeirinhos nas principais cidades do Amazonas e Madeira, Tapajós, Xingu, Juruá, Purus e Rio Negro;

d) — Expansão dos portos de BELÉM (caratatena), ITAQUI, MANAUS, PÔRTO VELHO, SANTARÉM, TEFÉ, ITACOATIARA, TABATINGA;

e) — Terminais aeroportuários em tôda região, consoante plano em execução pela COMARA, com prioridade para as Capitais e locais de fronteira e pelos BEC;

f) — Continuidade de navegação fluvial nos rios TOCANTINS, ARAGUAIA, TAPAJÓS, BRANCO, MADEIRA, NEGRO, PURUS e JURUÁ.

NO SETOR DE TELECOMUNICAÇÕES

— Complementação dos Sistemas telefônicos do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia e Amapá;

— Instalação do Sistema de Tropo difusão entre BELÉM e MANAUS e desta Capital com BRASÍLIA, através de PÔRTO VELHO e CUIABÁ, além do tronco de Micro-ondas BELÉM-BRASÍLIA;

— Instalação de uma rêde Emissora de Radio-difusão e Televisão nas capitais principais BELÉM-MANAUS, com repetidoras nas capitais de Territórios e Acre.

6 — UMA ESTRATÉGIA MILITAR PARA A AMAZÔNIA

Com base na análise geoestratégica procedida — função dos objetivos a manter ou conquistar, das realidades conjunturais e de pressões derivadas de antagonismos potenciais ou incidentes, sintetizadas anteriormente —, poder-se-ia chegar a uma *Concepção Estratégica Militar* bastante objetiva para a Amazônia, no que se refere à sua preservação territorial ou contaminação ideológica totalitária, considerando-a quer como

Área de Segurança, Zona de Defesa, quer como Teatro de Operações ou na participação a ser imposta ao desenvolvimento de seu espaço geográfico, visando a sua integração efetiva.

O delineamento geral dessa Concepção deveria, forçosamente, ter por condicionamentos básicos:

a) — o atendimento de *eventuais operações militares* no quadro da Segurança Interna ou Segurança Externa;
b) — as necessidades normais de *guarda e vigilância* das fronteiras;
c) — a participação em ritmo acelerado no *Fortalecimento do Potencial Estratégico Regional,* em particular nas tarefas de doutrinação cívica, educação, saneamento, colonização e complementação da circulação estratégica (transportes e comunicações).

T a i s condicionamentos levariam, primeiramente, a definir uma Estratégia Militar, à elaboração de um *Conceito Estratégico Militar* — orientando a manobra operacional a realizar e precisando as direções principais do esfôrço a realizar, quer em ações especificamente militares, quer em ações de desenvolvimento no que se refere ao Fortalecimento do Potencial Estratégico Regional — e conseqüentemente à fixação, no tempo e no espaço, *dos objetivos a atingir, das áreas de maior sensibilidade e das missões atribuídas* às Fôrças Terrestres, Aéreas e Navais. Naturalmente que o cumprimento dessas missões exigiria uma reestruturação do Comando, apoio logístico mais significativo, criação de Unidades de Combate e de Serviço, além de Unidades Especiais destinadas a ações de infra-estrutura como se constituem os Batalhões de Fronteira e os Batalhões de Construção, com organização especial adequada à natureza dos encargos atribuídos.

Estudo Estratégico fundamentado nesse sentido foi apresentado no devido tempo ao Exm^{o}. Sr. Ministro do Exército, seguido de exposição feita ao Alto Comando do Exército em dezembro de 1968 e ao EME e Generais da Guarnição da Guanabara em 1969.

Destaco dêle, por sua natureza ostensiva, os Encargos que deveriam ser atribuídos e as medidas já em curso de reestruturação do Comando e Organização de Novas Unidades.

6.1 — PRINCIPAIS ÁREAS SENSÍVEIS:

— Acre, Rondônia, desde Santa Rosa e Pedras Negras, inclusive Rio Branco, Pôrto Velho e Guajará-Mirim;
— Roraima, particularmente o setor definido pelos segmentos que de BOA VISTA se dirigem ao MARCO BV-8 e Normândia-Bonfim;
— Área vinculada a Tabatinga, incluindo o Vale do Javari e a linha sêca Tabatinga-Ipiranga-Japurá;
— Uaupés-Cucuí;
— Estuário do Amazonas;
— Manaus, Belém, Santarém, Tefé.

6.2 — REESTRUTURAÇÃO DO COMANDO

Organização dos seguintes Comandos:
— *Alto Comando Combinado* (V Ex, Cmdo Naval-Manaus — 1.ª Zona Aérea — Zona Aérea de Manaus/Bda Aérea); 4.º DN;
— *Grandes Comandos* CMA (V Ex), 8.ª RM, 12.ª RM, 1.ª Bda Selva, 2.ª Gpt Eng;
— *Comandos Intermediários* — Cmdo Fronteira de Roraima;
Uaupés, Solimões, Acre, Rondônia, Amapá.

— *Comandos de Unidades*

— Batalhões de Selva (5)
— Batalhões de Engenharia de Construção (5)
— Batalhões Especiais de Fronteira (6)

— Unidades de Serviço Regional:
— Cia Material Bélico

— Cia Dep. Subsistência
— Cia Especial de Transporte
— Cia de Polícia do Exército
— Cia do Quartel General
— Cia de Comunicações
— Cia de Depósito e Manutenção de Material de Engenharia
— Cia de Guardas

— Cia Especiais de Fronteira
— Estabelecimentos de Serviços: Finanças, Subsistência, Hospitais, Circunscrição de Serviço Militar, etc.
— Estabelecimento de Ensino — Colégio Militar de Manaus.

7 — PALAVRAS FINAIS

Na exposição que ora se ultima, foi possível apreciar e sentir o quanto de criticidade envolve a *integração e segurança* da AMAZÔNIA BRASILEIRA, exigindo assim um pronto equacionamento e solução adequada de sua problemática.

Na verdade, sem pessimismos ou pruridos nacionalistas, inconsistentes quando se trata de compreender e sentir a posição do Brasil em um Mundo interdependente, hoje sob o impacto avassalador das conquistas vernianas da Ciência e da Tecnologia, persiste ainda como Estratégia de Ação dos países desenvolvidos a continuidade da Política do Poder. Mostra ela, em sua polarização ideológica e em seus egoísmos nacionais, uma incompreensão bastante grave da hora que passa com relação às agruras dos países subdesenvolvidos, inconsciente de que somente pela igualização social e econômica de um *Mundo só* dotado de técnicas avançadas, de espírito cristão e fraterno, poderá ainda, eliminando a pobreza real que não só corrói a sociedade como se perpetua intrínseca e permanentemente — surgir o único caminho de salvação do impasse megatômico que tanto angustia e desalenta a civilização contemporânea.

Fortemente batido pelos tufões vesânicos da contestação marcusiana, em um conflito de gerações e de filosofias de

viver, impedindo ou retardando o "Take-off' e a superação de etapas dos subdesenvolvidos, parecem ainda aquêles egoísmos nacionais esquecidos que o cataclisma nuclear é uma realidade tangível, capaz de eliminar em seus efeitos, imediatos e mediatos, a vida da face da terra.

Por isso mesmo, as ameaças potenciais, hoje sentidas sôbre o nosso trato amazônico e anteriormente assinaladas, poderão tornar-se dura realidade nos tempos a vir, por fôrça da necessidade imperiosa de sobrevivência de uma população mundial ainda 2/3 em estado de quase indigência e fome — a duplicar-se no fim do século. Não temos ilusões que a brecha tecnológica e a brecha econômica tendem, infelizmente, por fôrça daqueles mesmos egoísmos, a alargar-se entre os Povos desenvolvidos e subdesenvolvidos e, por isso mesmo, esforços sobre-humanos e compreensão patriótica acentuada terão de existir a fim de que o PROJETO NACIONAL, dotado de uma filosofia, política e estratégia próprias e ora em início de execução com o PIN e PIS seja uma esplêndida realidade a curto e médio prazo, a fim do Brasil se transformar em uma GRANDE NAÇÃO, amadurecida e integrada pela incorporação de suas diferenciadas parcelas espaciais desenvolvidas em seu contexto sócio-econômico e fortalecida em sua estrutura militar, podendo manter incondicionada a nossa soberania em qualquer circunstância, em tôda sua imensa área continental.

Desnecessário é repetir a projeção que a Ciência e a Tecnologia terão na conquista desta ambiciosa meta. Se não bastante o exemplo de nossos dias do *Japão Superpotência*, bastaria atentar para o que ocorre no Canadá e Austrália, dois vastos espaços geográficos que rapidamente vão se impondo ao Mundo que conta, em um progresso surpreendente, por fôrça de seu desenvolvimento eclético-exógeno e endógeno-planificado com racionalidade e implantado com coerência, consistência e persistência.

Papel relevante neste contexto está reservado aos que aqui se preparam, na obra ingente que já se trava em todo o País e na Amazônia, principalmente no setor educacional e de integração social e ainda no campo da engenharia, da medicina, da economia, da agronomia, da veterinária, do direito, da quí-

mica e demais especialidades, tendo como obreiros os nossos camaradas militares e os nossos compatriotas civis, todos empenhados na luta diuturna que travamos, procurando dignificar e valorizar o patrimônio da Grande Terra que nos serviu de bêrço.

O máximo de produção e o mínimo de perturbação se tornam, desse modo, o alvo de nossas atividades básicas, de forma a haver sinergia, previsão, continuidade, em vez de paralisação, desordem, descontinuidade, desprezados os empreendimentos promocionais, irrefletidos, falhos em sua prévia projetação técnica ou de viabilidade duvidosa, no complexo sócio-econômico ou político-estratégico. Evidentemente que as técnicas tradicionais e as técnicas avançadas, com tôda a sua sofisticação (desde a pesquisa operacional, análise dos sistemas, sensores remotos, através da automação senão em breve a robotização), terão um lugar proeminente nesta grande arrancada a ser realizada, insistimos, com firmeza, tenacidade, dedicação, sem embargo da prudência, da racionalidade, da aplicação de recursos de tôda ordem, no sentido de empregá-los ordenadamente, dentro de prioridades reais e de maximização de sua utilização.

Mestres e discípulos. Camaradas. Brasileiros.

É tempo de se retirar a Amazônia de sua marginalização secular, mergulhada e estagnada em sua imensidão espacial, figurando apenas como expressão de domínio no contexto nacional, onde sobrevivem heroicamente dispersos e isolados, destituídos de qualquer valência econômica, seus nódulos sociais interioranos.

É tempo de fé, de esperança, de edificação, de semeadura pois, para o amazônida, aquela infância descuidada e sorridente, aquela juventude ansiosa e inquieta, aquela gente comum matura de homens e mulheres, obstinada e sofrida.

Tantas vêzes os deparamos curiosos e efetivos, fortemente tisnados do calor da mais pura brasilidade, em nossas viagens e inspeções naquela terra singular e misteriosa, esperando secularmente pelo esplendente alvorecer de um amanhã fecundo e diferente.

O problema da ecumenização e da preservação da Ama-

zônia, pela ocupação de seus imensos espaços físicos, utilização de suas reservas de matérias-primas, maturação cultural e fortalecimento de sua armadura de segurança, encerrando um alto sentido político e dimensão incomum na integração nacional, está exigindo dos Podêres Públicos uma atenção tôda particular.

Espaço espanhol pelo ajuste de Tordesilhas, espaço brasileiro pela arrancada luso-indiática, com mescla mameluca, realizada com propósito deliberado na objetivação de uma política ativista de visão indiscutível, decretada sabiamente de Lisboa, a brava epopéia de lances épicos de bravura, estoicismo e rudeza haveria de consagrar-se nas páginas da História e no orgulho patrimonial de um povo, pela frase de Joaquim Nabuco:

> "NADA NAS CONQUISTAS DE PORTUGAL É MAIS EXTRAORDINÁRIO QUE A CONQUISTA DO VALE DO AMAZONAS".

Será que as gerações andantes e vindouras, fugindo ao desafio, deixarão de dar a resposta imediata e audaciosa destinada a compatibilizar o incomensurável patrimônio físico ao dimensionamento sócio-econômico que lhe é indispensável, única forma de preservar a soberania incondicionada daquela base física de mais de 5 milhões de quilômetros quadrados — que não é nem um INFERNO VERDE, nem um PARAÍSO PERDIDO mas que é a Amazônia Brasileira, a NOSSA AMAZÔNIA?

Estamos vivendo a grande hora do Brasil e nela inserida a Hora da Amazônia. Vivamo-la, pois, com fé, ardor, obstinação, entusiasmo incontido em nossas realizações profissionais, acreditando firmemente no surgimento de um NÔVO BRASIL, por fôrça do trabalho, da solidariedade, da compreensão, da dedicação e do patriotismo de seus amados filhos. Vivamo-la tocados daquele ideal que não se define, mas se sente de maneira edificante e só se divisa através de clareiras luminosas que desembocam no infinito — o amor profissional, o sacrifício pelos interêsses superiores do próximo e da Pátria, a compreensão de viver no plano superior da virtude e da ética,

a superação da própria individualidade que nos eleva, nos agiganta, levando-nos às resoluções heróicas, às aspirações sublimes e aos nobres devotamentos. Foi assim o nosso patrono, renome tutelar da Unidade Nacional cujo espírito agregativo, tolerante, vivificador, mereceu de ilustre sociólogo nordestino a consagração em uma palavra: "Caxiismo", como significando a expressão mais nobre e pura do Civismo — virtude comum a civis e militares no que apresente de mais sublime — dedicação à Causa Nacional, intransigência absoluta no cumprimento do dever, comportamento ético e moral no tratamento do interêsse público e na crença da origem divina do ser humano — tratando sempre o homem, amigo ou inimigo — somente com meios dignos do homem.

É chegada, realmente, a HORA DA AMAZÔNIA e as Fôrças Armadas, a Universidade e a Igreja, que têm sido historicamente o cerne da nacionalidade e os artífices da integração nacional, certamente não a deixarão passar vazia, sem emprestar-lhe a sua decidida e entusiástica cooperação na implantação dos empreendimentos de segurança e desenvolvimento compatíveis com a sua alta e relevante finalidade institucional.

Mas fazei a vossa obra, mestres e discípulos, empreendei a vossa tarefa, cumpri a vossa missão, trabalhai a vossa semeadura, com obstinação, lembrando que os teimosos e os crentes são os sublimes e os realizadores.

Já se afirmou com muita sabedoria:

"Na ordem dos fatos morais o cair não inclui o pairar. Da queda sai a ascensão. Os medíocres deixam-se perder pelo obstáculo especioso. Não assim os fortes. Parecer é o talvez dos fortes. Conquistar é a certeza dêles".

Na verdade, na perseverança, na escalada das virtudes humanas, sempre residiu a grandeza máxima: "ESTEJA NA TERRA OU NO CÉU O ALVO DE NOSSOS DESÍGNIOS CUMPRE, A DESPEITO DE TUDO, CONSAGRAR ÊSSE ALVO".

No primeiro caso foram Colombo, Pedro Teixeira, Raposo Tavares, Tiradentes, Antônio João, Caxias, Osório, Marcílio Dias, Sampaio, Gomes Carneiro, Floriano, Castelo Branco

e ainda hoje êsses varões ilustres que tanto têm dignificado a Pátria: Eduardo Gomes, Juarez Távora e José Américo, esta figura varonil de nordestino curtido pela vida e pelas sêcas, cuja exemplicidade de caráter, de honestidade e de propósitos como homem público projetou-o vivamente no cenário nacional e tornou-o credor de uma Nação agradecida e que ora honra com a sua presença insigne o conferencista, neste momento em que procura espargir civismo, despertar dedicação, excitar motivações em todos os brasileiros para que se empenhem vivamente na resposta ao desafio que a História e a Geografia lhes lança — a preservação da Pátria, una, íntegra e desenvolvida. No segundo foram Jesus, São Paulo, São Francisco de Assis, Loyola, Nóbrega e José de Anchieta. Utilizai em profusão êsse atributo na execução de vossos nobres ideais.

Afanosa é a tarefa a realizar. Homérica a cruzada a empreender. Mas estamos certos de que todos que se abrigam nesta terra bendita e promissora a irão concretizar em comunhão perfeita de ideal e de ação, dentro da paz social e política, na base da autoridade e da responsabilidade, estimulados pelo mesmo sentimento patriótico, guiados pelo mesmo ardor nacionalista e irmanados pelas mesmas aspirações de, pelo esfôrço, trabalho e dignidade, merecem uma Grande Pátria.

Só assim a Amazônia se preservará e o Brasil se eternizará.

ÁREA 1 - INFRA DESENVOLVIDA

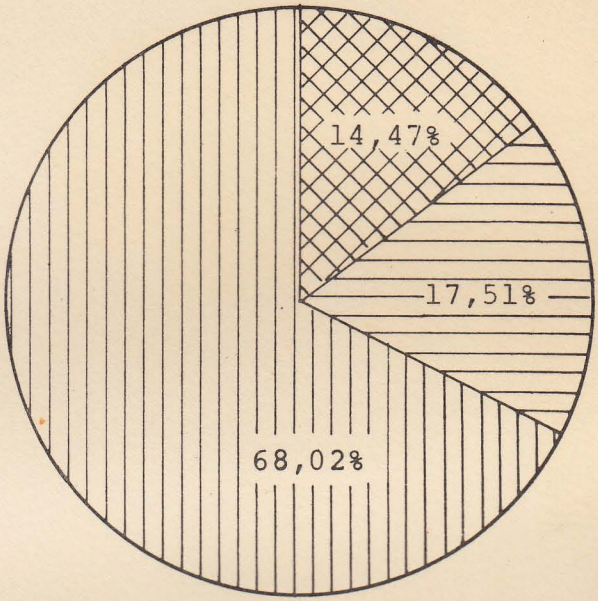
ÁREA 2 - SUB DESENVOLVIDA

ÁREA 3 - SEMI DESENVOLVIDA

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

ÁREA TERRESTRE

(KM ^{2})

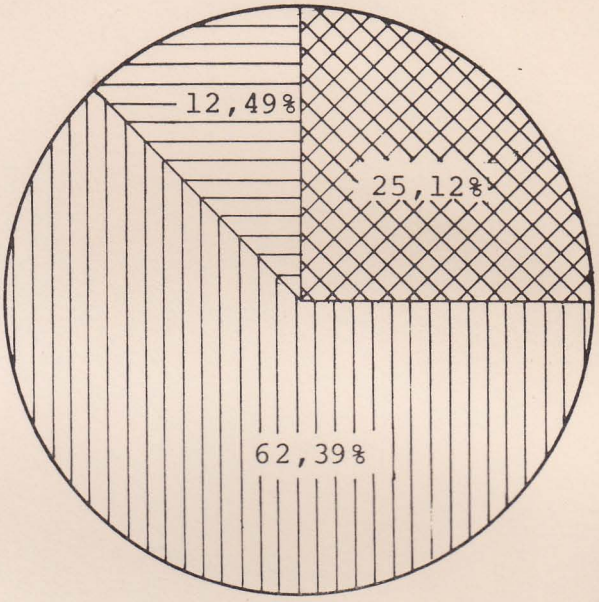


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (o)
1	5.752.203	68,02	245
2	1.223.396	14,47	52
3	1.480.879	17,51	63

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

POPULAÇÃO — 1970

(1.000 HAB)

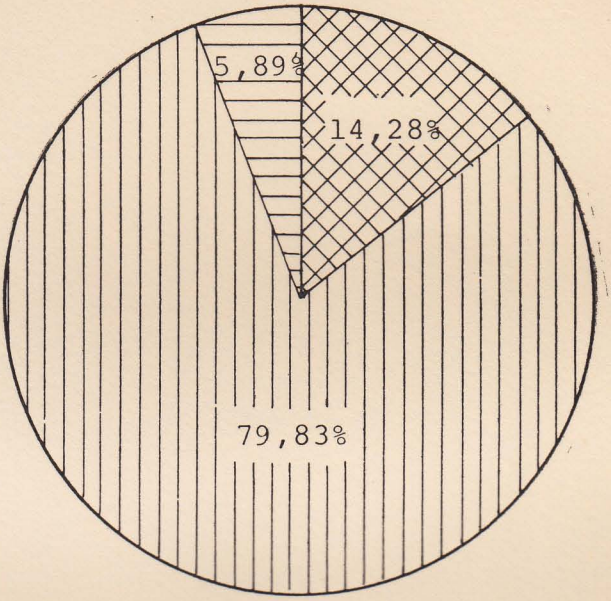


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (o)
1	11,928	12,49	45
2	23.992	25,12	90
3	59.589	62,39	225

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

RENDA INTERNA — 1967

(CR$ 1.000)

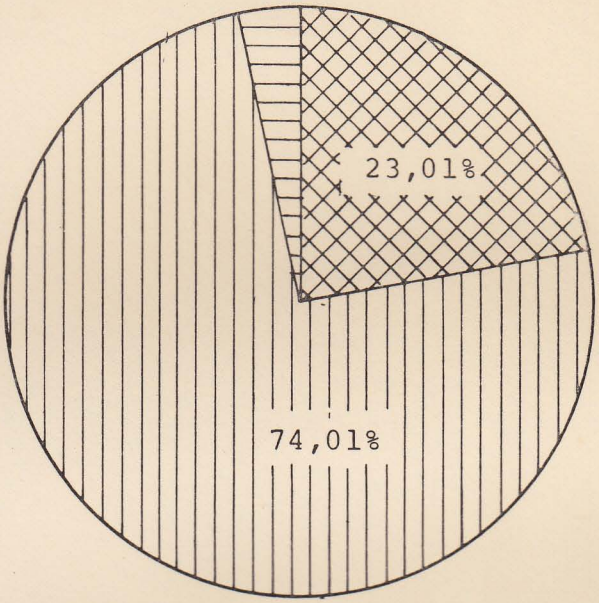


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (o)
1	3.442.121,4	5,89	21
2	8.354.694,6	14,28	51
3	46.383.737,6	79,83	288

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

ARRECADAÇÃO — 1967

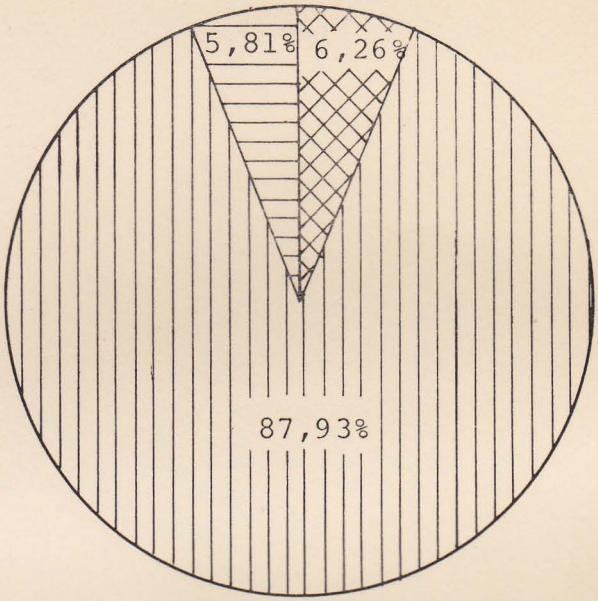
(CR$ 1.000)



ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (o)
1	471.838	2,98	11
2	3.647.588	23,01	82
3	11.732.097	74,01	267

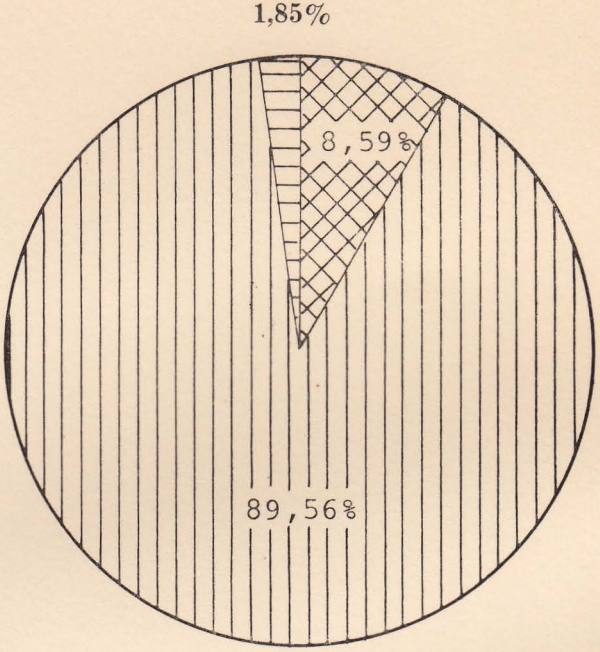
DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

EXPORTAÇÃO (t)



ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (o)
1	1.365.010	5,81	21
2	1.470.428	6,26	23
3	20.651.779	87,93	316

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS
CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA
(M WH)

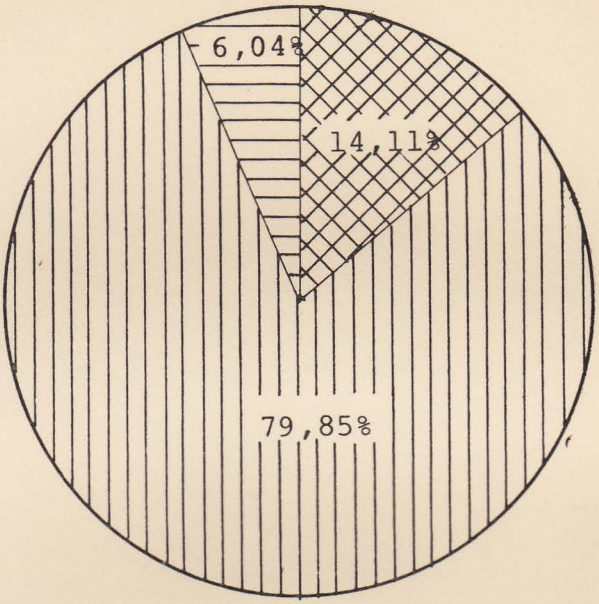


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (0)
1	563.168	1,85	7
2	2.610.647	8,56	31
3	27.223.280	89,56	322

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

CONSUMO DE GASOLINA

(1.000 l)

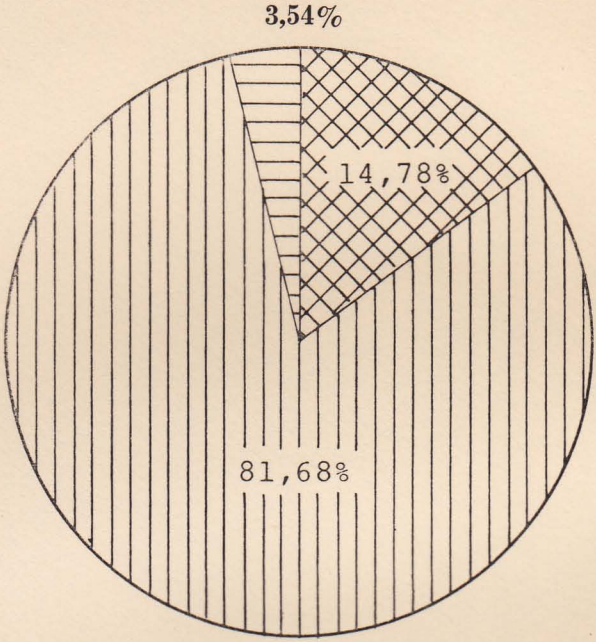


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (0)
1	505.704	6,04	22
2	1.182.517	14,11	51
3	6.689.853	79,85	267

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

CONSUMO DE CIMENTO

(t)

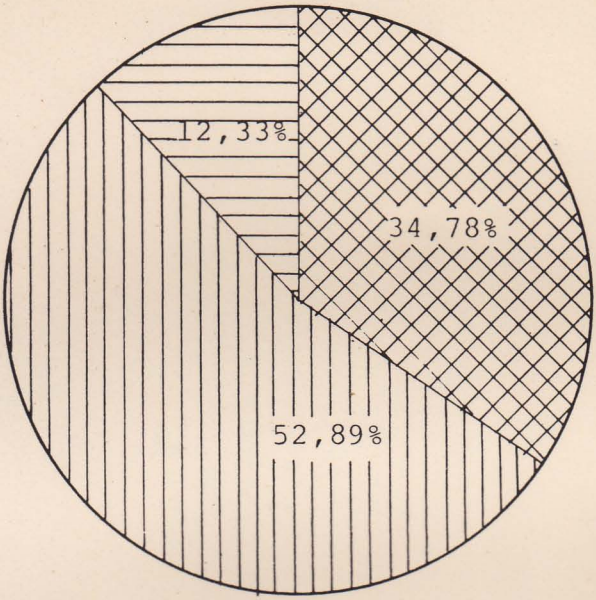


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (0)
1	256.600	3,54	13
2	1.071.567	14,78	53
3	5.921.285	81,68	294

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

ENSINO PRIMÁRIO

(UNIDADES ESCOLARES)

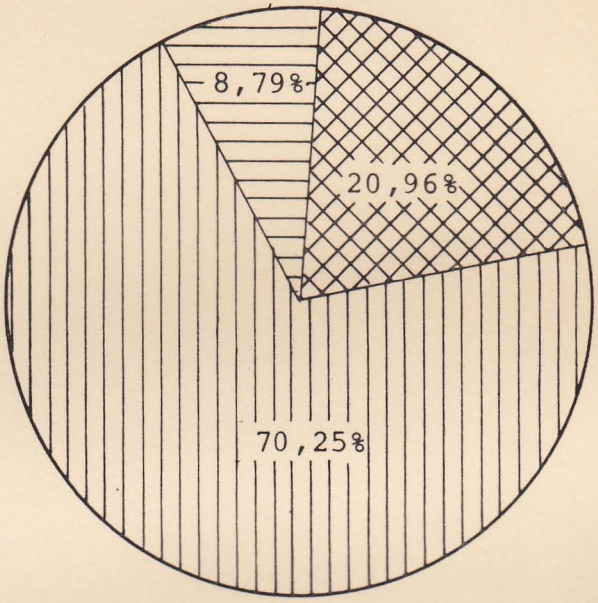


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (0)
1	16.633	12,33	44
2	46.928	34,78	125
3	71.348	52,89	191

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

ENSINO MÉDIO

(CURSO GINASIAL)

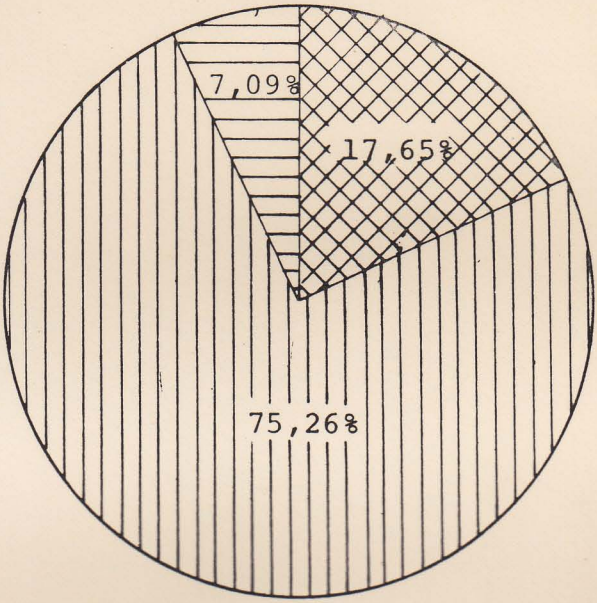


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (0)
1	648	8.79	32
2	1.544	20.96	75
3	5.176	70.25	253

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

ENSINO MÉDIO

(CURSO COLEGIAL)

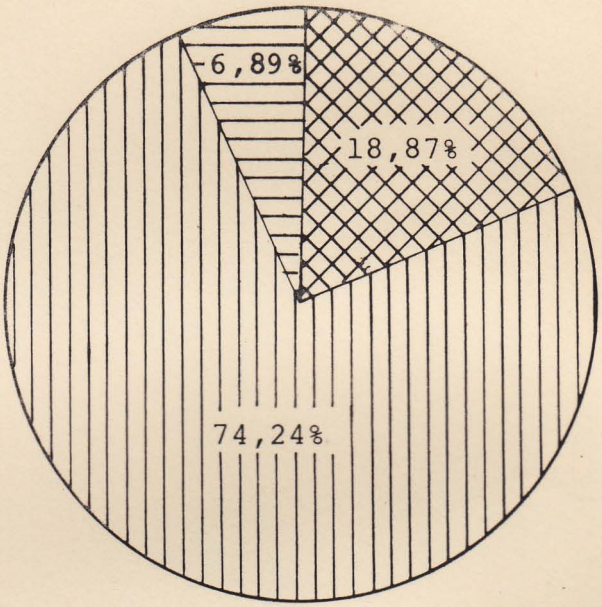


ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (0)
1	385	7,09	25
2	959	17,65	64
3	4.089	75,26	271

DADOS FÍSICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS

ENSINO SUPERIOR

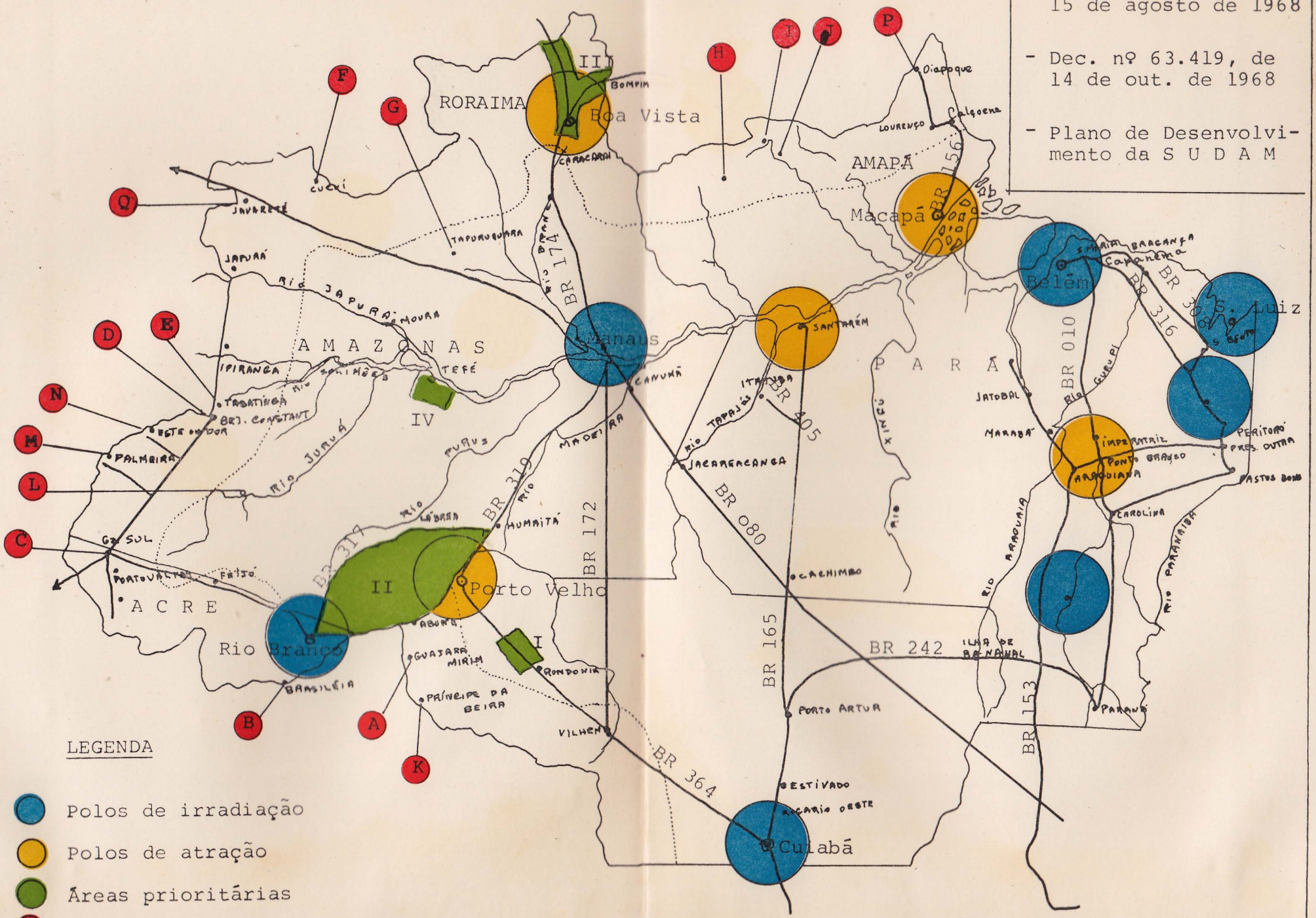
(CURSOS EXISTENTES)



ÁREA	VALOR ABSOLUTO	%	GRAU (0)
1	118	6.89	25
2	323	18.87	68
3	1.271	74.24	267

ESTRADA MARGINAL DA SELVA

OCUPAÇÃO E POVOAMENTO DA REGIÃO AMAZÔNICA



REFERÊNCIA

- Dec. nº 63.104, de 15 de agôsto de 1968
- Dec. nº 63.419, de 14 de out. de 1968
- Plano de Desenvolvimento da S U D A M

LEGENDA

- Polos de irradiação
- Polos de atração
- Áreas prioritárias
- Zonas de Fronteira

Trabalhos gráficos executados
pela Imprensa Universitária da
Paraíba. "Campus" Universitário
João Pessoa - Paraíba